

Oficina de Português para Fins Académicos

Ana Boléo ¹
Ana Costa ²
Carolina Silva ³

¹ Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal (ESE.IPS)
e Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa (ESE.IPLx)
ana.boleo@ese.ips.pt

² Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal (ESE.IPS)
e Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL)
ana.costa@ese.ips.pt
<http://www.clul.ulisboa.pt/pt/researchers-pt/125-costa-ana-luisa>

³ Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal (ESE.IPS),
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
e Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL)
carolina.silva@ese.ips.pt

Resumo

A Oficina de Português para Fins Académicos, que funcionou pelo terceiro semestre na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, pretende desenvolver competências de compreensão oral, de leitura, de expressão oral e de escrita dos estudantes, visando o êxito na vida académica e numa cidadania ativa. Apresentam-se, assim, as práticas pedagógicas desta experiência, suportadas em alguns exemplos de sucesso, e reflete-se sobre as limitações deste recurso do Programa de Promoção de Sucesso Escolar.

Palavras-Chave: Oficina de língua, sucesso académico, competências transversais.

1. Contexto

A Oficina de Português para Fins Académicos (OPFA) surgiu como uma das estratégias do Programa de Promoção do Sucesso Escolar do Instituto Politécnico de Setúbal, coordenado pelo seu Pró-Presidente Fernando Almeida, em articulação com docentes do Departamento de Ciências da Comunicação e da Linguagem da Escola Superior de Educação (ESE). Inicialmente, esta medida visava fazer face às dificuldades de estudantes do 1.º ano dos vários cursos das diferentes Escolas do IPS, oriundos de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Estes estudantes foram o público-alvo das duas primeiras edições da oficina, no 2.º semestre de 2015/16 e no 1.º semestre de 2016/17. No entanto, durante estes dois semestres, a OPFA foi frequentada também por estudantes de anos mais avançados de licenciatura e, inclusivamente, por estudantes de mestrado. Ainda que com características e incidências distintas em outras instituições do ensino superior, as dificuldades do domínio linguístico e discursivo são reconhecidas por

docentes e estudantes como uma das causas de insucesso académico. Esta constatação, e a boa receção por parte dos estudantes que frequentaram a oficina, levou à sua abertura a um público mais vasto, podendo ser frequentada, no 2.º semestre de 2016/17, por qualquer estudante das Escolas do IPS que reconhecesse, nas suas práticas textuais orais ou escritas, dificuldades linguísticas e discursivas impeditivas do seu progresso escolar.

Embora, no âmbito da investigação em Linguística Educacional, a análise de dados gerados nestes contextos de ensino e aprendizagem seja de grande interesse, a presente reflexão centra-se mais na dimensão de prática pedagógica.

2. Descrição da prática pedagógica

Como antes se mencionou, o ponto de partida desta oficina foi o diagnóstico de dificuldades linguísticas e discursivas transversais que afetam o sucesso académico de estudantes dos diferentes cursos do IPS. Sendo uma estratégia de promoção do sucesso escolar, o primeiro contacto com os estudantes foi estabelecido pelo coordenador deste programa, que divulgou a oficina através de correio eletrónico e que procedeu à inscrição dos estudantes interessados, bem como ao estabelecimento de um horário de funcionamento conveniente a todos.

2.1. Objetivos e público-alvo

No âmbito da Linguística Educacional e, em particular, da didática da língua, são vários os trabalhos que evidenciam a necessidade de se desenvolver a competência de escrita para lá dos anos iniciais de escolarização (Scardamalia & Beriter, 1987; Grabe & Kaplan, 1996). Escritores adultos, com os mesmos anos de escolarização, podem ter desempenhos muito diferentes ao enfrentar géneros discursivos da ordem do argumentar e do explicar. O conceito de escrita académica, associado às abordagens que dão centralidade ao conhecimento explícito de géneros discursivos, tem já alguma tradição e muitos resultados de investigação (Feak & Swales, 1994). Contudo, os objetivos da OPFA não visam apenas os problemas de desenvolvimento da escrita. Considerando as necessidades escolares do público-alvo, estudantes de diferentes cursos sem formação especializada de língua, o objeto das aprendizagens desta oficina é o trabalho com diferentes géneros discursivos necessários ao contexto académico, como exposições orais, resumos, relatórios e outros textos explicativos, textos de opinião e outros textos argumentativos. Com esta abordagem, integrada em práticas discursivas, os objetivos da OPFA visam o desenvolvimento de competências de compreensão oral, de expressão oral, de leitura, de escrita:

- **Compreender e interpretar textos orais** de complexidade crescente e de diferentes géneros, particularmente os mais frequentes em contexto académico.
- Dominar **registos orais académicos**, como exposições orais, usando uma expressão fluente, correta e adequada aos interlocutores e aos objetivos comunicativos.
- Ler, **compreender e interpretar textos académicos** com diversos graus de complexidade e pertencentes a diversos géneros, particularmente textos de estudo.
- **Escrever**, de forma correta e bem estruturada, **textos de diferentes géneros** para responder a necessidades académicas.
- Desenvolver técnicas de **monitorização dos discursos orais e escritos**, em particular técnicas de revisão de texto.

A promoção de algum grau de consciência linguística¹ (*language awareness*), que implica tarefas muito diferentes das abordagens tradicionais de ensino da gramática, assegura o treino de capacidades de monitorização dos discursos orais e escritos. Aliás, como se explicará em seguida, a metodologia adotada na organização da oficina, nomeadamente a seleção de estratégias didáticas, procura privilegiar um envolvimento ativo dos estudantes.

2.2. Metodologia

A principal estratégia pedagógica assumida na oficina centra-se na autonomia dos estudantes e no envolvimento no seu percurso de aprendizagem. Desta forma, o regime de inscrição foi voluntário e o horário, como antes se mencionou, foi feito a partir das disponibilidades manifestadas pelos estudantes.

Sendo uma oferta formativa de frequência livre, não há classificações, mas o seu sucesso depende crucialmente da assiduidade. De modo a promover a participação assídua nas aulas, os estudantes têm direito a ter um registo da OPFA como suplemento ao diploma, na condição de frequentarem pelo menos 75% das sessões.

O trabalho pedagógico da oficina foi concebido, desde o início, numa perspetiva de investigação-ação². Como se pode ler no seu programa, na «Oficina de Português para Fins Académicos, articulam-se metodologias de ensino/aprendizagem centradas em práticas discursivas dos estudantes e metodologias de investigação-ação, assentes em práticas de aferição sistemática dos resultados da intervenção educativa nas aprendizagens e nos desempenhos dos estudantes». Na OPFA, a investigação-ação é entendida como um processo tendencialmente sistemático de recolha de informação, de avaliação descritiva, partilhada com os estudantes e centrada na especificidade das competências. Essas informações devem ajudar a reorganizar estratégias de intervenção do professor e, simultaneamente, ajudar cada estudante a consciencializar-se das suas dificuldades, para as superar. Neste sentido, a qualidade do *feedback* – das estratégias de retroação que se pretendem tão individualizadas quanto possível – é fundamental para melhorar os desempenhos dos estudantes e, pedagogicamente, para os envolver no trabalho da oficina. Este modelo pedagógico articula-se com uma avaliação de carácter formativo (cf. 2.3.).

Como se explicará no final, no ponto 4, a implementação do processo de investigação-ação é um dos aspetos a melhorar, não estando ainda em pleno funcionamento.

2.3. Avaliação

Com os estudantes, a partilha sistemática de informação sobre os seus desempenhos pode ser entendida numa perspetiva de *avaliação formativa alternativa*, de acordo com este conceito em Fernandes (2008). A apropriação, por parte dos alunos, de uma consciência dos aspetos concretos das suas dificuldades linguísticas e discursivas deve ajudar cada um a encontrar estratégias de aprendizagem mais adequadas ao seu perfil.

Para o professor, os resultados de um diagnóstico, feito nas primeiras aulas da OPFA, no qual se avaliam competências de compreensão oral, de leitura e de escrita, servem para (re)orientar a planificação da oficina, tomando decisões sobre as estratégias que vêm dar resposta às dificuldades efetivamente identificadas. Esta reorientação da planificação vem enriquecer a planificação prévia, definida com base no conhecimento relativo às áreas mais frágeis do Português, que constituem o principal objeto de intervenção (por exemplo,

¹ A «consciência linguística envolve (algum) controlo cognitivo do sujeito sobre a forma dos seus enunciados, o qual se concretiza na capacidade de (i) selecionar os itens lexicais, as formas e as estruturas mais apropriadas ao que pretende exprimir; (ii) avaliar alternativas e (iii) adequar o estilo ao contexto e ao objetivo.» (Duarte, 2010, p. 12)

² Investigação-ação: «Investigação conduzida pelos professores com o objetivo de melhorar o seu próprio ensino ou as suas escolas» (Arends, 1997, p. 556)

Médias dos desempenhos de expressão escrita				
Parâmetros	2º semestre 2015/2016		1º semestre 2016/2017	
	Pré-teste	Pós-teste	Pré-teste	Pós-teste
Tema, género textual, estrutura e coerência (0 a 4)	2,2	2,8	2,8	2,9
Coesão textual – referencial, temporal, interfrásica (0 a 4)	2,2	2,7	2,2	2,6
Morfologia e Sintaxe (0 a 4)	2,1	2,6	2,4	2,7
Léxico (0 a 4)	2,5	2,6	2,7	2,9
Representação Gráfica – ortografia e pontuação (0 a 4)	2,1	2,5	2,2	2,6
Total – média geral (avaliação de 0 a 20)	11,1	13,2	12,3	13,7

Figura 3: Avaliação por parâmetros da escrita

Verifica-se também que os valores referentes ao 1.º semestre de 2016/17 indicam, na generalidade, uma melhoria da prestação dos alunos relativamente ao 2.º semestre de 2015/16. Para tal, terá contribuído a presença, no 1.º semestre de 2016/17, de alguns estudantes que já tinham frequentado a OPFA no semestre anterior.

Por último, no final de cada semestre, procede-se a uma auscultação dos estudantes relativamente ao funcionamento da oficina, sendo, entre outros, aspetos positivos apontados: a melhoria da escrita (estruturação, vocabulário, ortografia, pontuação), da capacidade de argumentação (com os debates), da exposição oral de trabalhos. O aspeto negativo mais referido é a falta de tempo: uns sentem que a oficina devia ter mais horas; outros queixam-se de falta de tempo para a frequentarem com assiduidade.

3. Transferibilidade

A ideia de programas de formação para o desenvolvimento de capacidades linguísticas e discursivas em meio académico não é novidade. Por exemplo, a Escola Superior de Educação de Lisboa tem o *Scriptorium*³, especificamente destinado ao desenvolvimento de capacidades de escrita por estudantes de cursos de educação. A OPFA, inspirada neste projeto, procura responder também a dificuldades do domínio da leitura e dos géneros académicos orais, visando um público mais abrangente. A experiência em curso pode, com a adequação devida, ser transferida a outros públicos e outros contextos.

4. Conclusões

O projeto tem ainda bastante caminho a percorrer, sendo a sua maior fragilidade a falta de assiduidade dos estudantes. Há um número considerável de estudantes que se inscreve, que se compromete a participar, mas alguns não chegam a aparecer e muitos têm uma assiduidade abaixo de 50%. Quando chega a época dos exames em cada escola, simplesmente, muitos estudantes desaparecem. Aliás, tem sido esse o fator que tem impedido a recolha, de forma mais sistemática, de informações, crucial para um processo de investigação-ação.

³ Scriptorium – centro de escrita académica em português (ESE.IPLx)

http://scriptoriumescrita.wix.com/scriptorium#!_page-0

Perspetivando uma solução para o problema de assiduidade dos estudantes, uma das possibilidades será a disponibilização de pelo menos parte da OPFA a distância, com apoio da plataforma *Moodle*.

Com esta oficina, desenvolvem-se aprendizagens transversais do domínio da língua, algumas das quais deviam já estar consolidadas antes do acesso ao ensino superior. Outras, porém, estão efetivamente associadas a contextos linguísticos e discursivos muito específicos das áreas de saber de cada curso. Seja como for, numa perspetiva de garantia de aprendizagens de qualidade no ensino superior, esta realidade não pode ser ignorada. Neste sentido, medidas como a OPFA vêm contribuir para a reflexão alargada sobre o papel da pedagogia no ensino superior.

5. Referências

Arends, R. (1997). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.

Duarte, I. (2010). Sobre o conceito de consciência linguística. In Freitas, M. J., Gonçalves, A. & Duarte, I. (cords.) *Avaliação da consciência linguística. Aspectos fonológicos e sintáticos do português*. Lisboa: Colibri, pp. 11-16.

Feak, C. & Swales (1994). *Academic writing for graduate students. Essential tasks and skills*. Michigan: University of Michigan Press/ELT.

Fernandes, D. (2008). *Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editores.

Grabe, W. & Kaplan, R. (1996). *Theory and Practice of Writing*. Londres e Nova Iorque: Longman.

Scardamalia, M. & Bereiter, C. (1987). *The psychology of written composition*. Nova Iorque e Londres: Routledge.

Scriptorium – centro de escrita académica em português (ESE.IPLx)

http://scriptoriumescrita.wix.com/scriptorium#!_page-0

Outras referências

Oficina de Português para fins Académicos. Relatório semestral (2.º semestre, 2015/16)

Oficina de Português para fins Académicos. Relatório semestral (1.º semestre, 2016/17)